

A Politica Social da Monarquia Organica

(Apontamentos da conferencia
realizada no Palacio Murça
a convite da A. R. P.)

I -- «*Politique d'abord*»

Por mais que gremem e proclamem os corifeus do sindicalismo revolucionario, asseverando o predominio do *economico* sobre o *politico*, no dinamismo complexo da Produção, cada vez mais os factos se encarregam de confirmar aquêl aforismo de Maurras, que, ao contrario, condiciona o *economico* pelo *politico*. Para nos firmar nesta certeza basta lembrar a attitude politico-social das agremiações operárias portuguezas e estrangeiras do tipo das Confederações Gerais do Trabalho.

Que são as Confederações Gerais do Trabalho? Organismos puramente economicos? Onde começa e onde acaba a sua acção puramente politica? Limitam-se êles porventura à defeza dos interesses sindicais, na sua função reguladora da Produção? Não vimos nós o gabinete Herriot, em França, tendo por aliados declarados os srs. Jouhan com a sua C. G. T., enquanto a C. G. T. U. faz o seu jogo comunista? Não vemos na Itália a *Confederazione Generale del Lavoro* tomar partido pela «oposição do Aventivo» contra o governo de Mussolini? Não vimos as *Trads Unions* formar do lado das massas eleitorais do «trabalhismo» e a União dos Sindicatos Alemães fazer o jogo politico da Social-democracia, nas sucessivas lutas eleitorais dos ultimos anos? Finalmente, em Portugal, não vimos nós as organizações operárias servirem de especulações do governo esquerdista de Domingues dos Santos?

Assim, quem poderá negar que o problema social seja uma função do problema politico, tal qual como as aguas dos rios correm de suas nascentes longinquoas, mas fatais?

A afinidade espiritual que une os elementos, que dirigem as formações sindicais revolucionárias, e os politicos esquerdistas europeus, prova eloquentemente a razão da intima coordenação que se estabelece entre os trabalhadores, que o nacionalismo orienta, e os homens publicos que ao nacionalismo votam o sacrificio de toda a sua actividade intelectual, de toda a sua acção patriotica. Se uma politica radical no centro do Estado é a melhor segurança do sindicalismo internacionalista, porque não há de ser para o sindicalismo nacionalista, renovador, uma esperança tambem o advento duma politica nacionalista, alimentada pela tradição portuguesa?

Por terra caem assim as acusações e estranhêsas dos adversários do nosso *corporativismo nacionalista* e, portanto, monarchico. Ao comunismo respondemos com o nacionalismo à ditadura do proletariado (que é simplesmente a ditadura sobre o proletariado, a escravidão do proletariado) opomos ditadura do interesse nacional, — a Monarquia.

II — *A Monarquia constitucional é uma etapa da anarquia*

O pensamento moderno encontra-se em frente dum dilema temeroso. Bifurca-se a estrada: é necessario escolher um caminho e negar absolutamente o outro. Seguir a doutrina nacionalista é trilhar a eterna e firme estrada que considera a nação o centro da sua exis-

tencia, a razão primeira de todas as suas conclusões. Ser nacionalista é comungar com os seus mortos a fé creadora que ha de gerar os tempos vindouros.

Nada mais lógico, pois, que o encadeamento natural que dá ao pensamento nacionalista a sua conclusão mais rigorosa. O principio monarquico, tradição politica que creou e desenvolveu a nação, tradição social que creou e desenvolveu uma patria.

Por outro lado quem poderá negar a lógica, tambem segura e insofismavel, que faz do pensamento internacionalista a cadeia ininterrupta das ideias que começam na revolução politica e vão até à revolução social. Inicia-se a descida no plano inclinado, cujo inicio sangrento é o assassinato de Luiz XVI, a vitima da mentira liberal. O Liberalismo, como a sua vizinha a Democracia, são etapas politicas que geram consecutivas etapas sociais. Assim a Monarquia Liberal como a republica são meras etapas da anarquia.

III — *Do tradicionalismo economico ao individualismo*

Aqueles que hoje se aterram com a ebulição das classes proletarias, que por vezes vem á supuração em manifestações de ameaçadora anarquia, como a famosa jornada das Juntas de Freguezia ao Parlamento, no ano passado, a gréve revolucionária, durante o governo do coronel Antonio Maria Batista, ou, ainda mais recentemente, a marcha a Belem, etc., certo desconhecem o que ha de lógico, de fatal, no encadeamento dos factos que nascem no século XVIII, se desenvolvem no século XIX, para virem rematar naturalmente na crise tremenda em que nos debatemos.

Na verdade, a curva das ideias sociais revolucionarias é uma linha lógica em todas as suas etapas e pontos de referencia. Assim desde que se decretou antagonicas com a ideologia democratica triunfante as organizações corporativas do trabalho nacional, corporações, gremios, confrarias, os officios, etc., desde que a favor dum conceito puramente abstracto se declarou a «nação una e indivizível», negaram-se todas as virtudes da prostração organica da noção, que em cada uma das suas células vivas, que o tradicionalismo economico creára (provincias, cooperações, familia) tinha assegurado o seu sentido natural, social e humano; desde que, numa palavra, o Estado se divorciou da nação, deixando de ser social para ser simplesmente politico, a semente da Revolução social podia ser afoitamente lançada que encontraria o campo cultural favoravel para uma pronta germinação e desenvolvimento. E assim foi.

Uma vez destruidas as sábias e cristianissimas organizações corporativas, creadas e alimentadas pelo *empirismo construtor* da Idade Média, á qual prestam homenagem Luis Blanc, Shandler, Frantz Funck Brentano, etc., socialistas e anarquistas sociais, desfez-se mortalmente o unico élo que tornava possivel a aliança entre os diversos elementos da Produção nacional, entre nós como em toda a Europa. Do mesmo modo julgando-se crear a fraternidade e a paz, pela igualdade, creou-se a desigualdade e a luta pela competencia. E então apareceram uma Burguezia sem deveres, uma Nobreza sem direitos e uma classe operária sem direitos nem deveres. Data daí o começo do *inferno social* de que nos fala Bourget.

E' que então se inicia a era do odio entre as chamadas classes, fazendo se perder o trabalho, sobretudo ao trabalho manual, aquele significado antigo da nobreza que nascia duma legitima certeza da sua utilidade e préstimos sociais.

Com as corporações, é o próprio socialista Luis Blanc que o confessa, «despertava-se no povo uma emulação sem odio». O exemplo dos trabalhadores deligentes e hábeis engrossava o estímulo. Os operarios faziam-se uma competencia fraternal. «No dia, porém, em que o individualismo politico decretou o individualismo económico, as determinantes do meio social tinham de ser necessariamente bem diversas no que respeita á paz e aos interesses da Produção. A perturbação que a revolução politica trouxe ao campo das reivindicações sociais, foi logo tão notória que mesmo no seio da convenção francesa se ergueram vozes alarma-

das por causa do passo em falso que se tinha dado. Os girondinos e o próprio Marat não escondêrão o seu receio pelo futuro em que a aplicação dos principios revolucionarios à economia social haveria de produzir graves desequilibrios.

Junte-se agora a essas perturbações, que trouxe a anarquia individualista, o desenvolvimento extraordinario das industrias, que a conquista da máquina a vapor vinha realizar. Com esse desenvolvimento a concentração operária tornava-se colossal, pois deslocava para a fabrica a multidão anónima das pequenas oficinas. Paralelamente a avolumar ainda mais as dificuldades que d'aqui nasciam, a centralização administrativa, matando as provincias em proveito da capital, e dos privilegiados grandes centros de população, tornava maior ainda o aglomerado operário, criando aspectos novos ao já de si tão complexo problema da coordenação dos interesses do trabalho nacional.

A anarquia dos elementos da Produção surge depois, em 1848, com um caracter dolorosamente dramático, atravez uma auréola de sentimentalismo. Aos erros do espirito juntavam-se os erros do coração. A' crise da intelligencia juntava-se a crise da sensibilidade.

As crises do romantismo patológico aceleráram a marcha das perturbações sociaes. Nos salões os poetas pálidos, «de longos cabelos e ideias curtas», como dizia Musset, choraram ao piano endeixas doloridas sobre a injustiça social do tempo, enquanto as damas se sentiam na obrigação romantica de desfalecer em publico. . .

Dos salões e dos livros escorria essa sentimentalidade e vinha infiltrar-se na inquietação da turba dos trabalhadores, que a pouco e pouco, sob essa influencia romantica, se foram revoltando contra o seu destino e contra os que êles julgavam culpados. O trabalho era assim desviado do seu sacratissimo trono de gloria, como elemento de civilização, para se reduzir à condição vil duma maldita grilheta. E' verdade que esse sentimentalismo revoltado, quando a revolta, não creára, todavia, o facho vingador que devia guiar. Mas o principal estava feito e quando o loiro amante da condessa de Hatsfeld aparecia anunciando as ideias precursoras da democracia social. As *élites* operárias logo o compreenderam. Lassalle era ainda um romantico. Como tal êle foi o natural intermediário entre o seu século e Karl Marx. Eis-nos chegados à etapa decisiva para os destinos do movimento operário.

Mais do que Proudhon com a sua *Révolution Sociale*, mais do que Bakounine, famoso *moujik* intelectual, Karl Marx é quem lança as bases duma economia revolucionária, ao mesmo tempo que com o seu companheiro Engels organiza a primeira Internacional operaria, nascida no celebre *meeting* de S. Martin Hall.

Evidente se torna que Jean Jacques Rousseau está para a Revolução Francêsa com o seu *Contrato Social* como Karl Marx com o seu *Das Kapital* está para a Revolução Comunista dos nossos dias, realizada com o bolchevismo na Russia e na Hungria com Bela Kun

IV — Existe em Portugal uma questão social ?

Quando em principios de 1918 as greves dos Caminhos de Ferro punham em cheque o pobre Machado dos Santos e criavam grandes atritos ao recém-nascido governo de Sidonio Pais, eu escrevi na *Monarquia* um artigo «Serenamente», que mereceu a honra dos louvores do chorado presidente. Falo d'êles sem nenhum orgulho, mas tão sómente porque marca uma data, um ponto de referencia. Nesse artigo eu perguntava então : existe uma questão social no nosso país ? E terminava pela negativa, depois de ter examinado como a repartição da riqueza particular e a ausencia de grandes empresas industriais davam à questão um mero aspecto sentimental, de nenhuma imediata consequencia.

Já lá vão 7 anos. Hoje a mesma pergunta tem outra resposta. Hoje existe de facto uma questão social e existe em primeiro lugar por culpa da republica porque é aqui, como em toda a parte, *le pays de cocagne, des financiers sans scrupules*, -- a republica dos camaradas. A' sua sombra nefasta crearam-se as inúmeras clientelas dos novos ricos, fizeram-se

de um momento para outro fabulosas fortunas com escandalosas protecções dos carimbos mágicos dos ministérios.

De repente a Bancocracia surgia como um polvo temeroso e atraz dela todas as oligarquias politico-financeiras para se sacrificarem os interesses mais legitimos da nação. De balde se reclamou deste regime uma necessaria contribuição sobre os lucros de guerra. De balde se lhe pediu uma administração conscienciosa que limitasse os apetites dos que se serviam do seu manto para encobrir tranquiernas. O resultado foi essa crescente e poderosa onda de luxo. O resultado ostenta-se hoje no Chiado com a sua exhibição de brilhantes e joias de preço. E então diante da loucura cavou-se tremendamente a vala que separa os que aspiram à riqueza com o mesmo desvario e paixão desenfreada desses aventureiros do commercio, da finança e da politica. E esse foi o estímulo para o desenvolvimento da questão social entre nós.

O operario, levado na louca correria do meio depravado pelos costumes democrato-financeiros, passou a criar necessidades que não tinha e deixou-se arrastar por odios cuja eclosão logo se manifesta nos graves acontecimentos do ministério Maria Batista. De então para cá o mal agravou-se sobretudo com a criminosa desvalorização da moeda, que acabou de desnortear os restos do bom senso nacional. Mercê dessa burla republicana, as fortunas pareceram multiplicar-se e uma exagerada ilusão do seu real valor scintilou num fulgoroso e sinistro relampago aos olhos dos desprotegidos. Estava então creado o meio propicio para a especulação dos politicos, especulação tanto mais perigosa porquanto ela encontra na etapa republicana um natural estímulo.

Desta forma se tornou possível a ameaça do perigo social do nosso tempo. A nação corre o risco gravissimo de ser preza de todas as aventuras politico-sociais cujo natural resultado se encerra sempre na miseria e na fome.

V — De Marxismo à derrocada

Assim a revolução politica nos trouxe a revolução social. O marxismo parece o verdadeiro herdeiro desta republica de plutocratas sem escrupulos.

Ora o que é o Marxismo? Politicamente, uma burla, que assegura a tirania de meia duzia de *meneurs*; socialmente, nma farça sangrenta.

Ocioso se torna falarmos das doutrinas economicas de Karl Marx. Todos conhecem em demazia os erros do *Das Kapital*, mesmo debaixo do ponto de vista da nova economia, a economia colectiva. O problema do «sobre valor» e o falsissimo criterio com que o economista germano calcula o quoficiente «trabalho», são hoje velhas coisas sabidas.

Nunca é demais, porém, frizar o aspecto mais pernicioso da nova economia colectiva e que vem a ser o grande equivoco que ela estabelece proclamando a fatalidade historica da *luta de classes*.

Segundo Marx, o nosso tempo seria o reinado do proletariado, porquanto a linha que vai das sucessivas derrocadas dos barões do feudalismo, dos Reis e da actual burguezia, tem por limite supremo a vitoria da chamada classe operaria, a vitoria de todos os tempos. Em volta desta *boutade* economica teceu-se toda a fantasia das esperanças revolucionarias e alvoroçaram-se de vigor revolucionario os corações da multidão proletaria.

Ilusões, ilusões sangrentas! A sciencia económica e a critica historica deram depois de Marx grandes passos na tecnica e na precisão dos seus ensinamentos e assim o materialismo historico de Marx não resiste ao mais sumário exame. O progresso não é uma linha recta. E se não é bem a serpente que morde a cauda, como na fábula, é pelo menos uma linha sinuosa caracterizada.

Cairam os barões do feudalismo, cairam os Reis, mas não caiu o principio que eles representavam e que se resume neste fatalidade: o **chefe**. Negar isso é negar a nossa civilização e provocar a catastrophe sem remedio.

A democracia social de Marx, que é a democracia política aplicada ao trabalho, constitue a ruina deste. Não é possível (todas as afirmações do progresso técnico o provam) hoje uma industria progressiva sem que nela se faça sentir a influencia benefica dos chefes: chefes técnicos, engenheiros, chefes administrativos, os gerentes, chefes capitalistas. Estabeleça-se a democracia na officina, aplique-se o critério eleitoral para escolher os engenheiros e os técnicos administrativos, destrua-se o capital individual, que é a unica forma humana do estímulo, e que ficará da industria? O caos, a luta civil e a miseria irremediável.

Mas os erros da doutrina marxista avaliam se sobretudo pelos seus resultados. Tal qual as virtudes do tradicionalismo economico, que nós defendemos, se aquilatam pelo valor duma experiencia de séculos.

O comunismo, instaurado na Hungria com Bela Kun, fez baixar a Produção nacional a 55 % do que era antes da Guerra; mas sobretudo na Russia, pela duração da experiencia, os resultados são mais concludentes e pavorosos.

Segundo o dr. Nanssen, membro da comissão americana, que visitou a Russia, o número de mortos pela fome atinge, em 3 anos de martirio bolxevista, a cifra horrivel de 9 milhões. Na Russia, segundo os calculos mais optimistas, a Produção nacional baixou a 25 % da dantes da Guerra. Tambem hoje a classe operaria russa pode-se dizer, como o afirmou Spinasse, em polémica com o chefe comunista Cachin, «que é a mais miseravel da Europa» e que «o operariado russo é a grande vitima do bolxevismo».

A mentira das palavras! Democracia social... Que é isto no fundo senão mais outra forma doirada que os *méneurs* agitam para abrirem, para seu proveito, um caminho de aventuras á custa do operariado, da mesma maneira como a democracia politica tem servido para se conquistar uma ambicionada situação, servindo-se do sufragio como dum criado diligente. Na hora em que se conquistou o lugar apetecido, quem dentre os que subiram se recorda mais dos que em baixo os auxiliaram?

A democracia social fez falencia, como todas as illusões nascidas da fantasia dos homens. A correspondencia de Marx com Engels prova-nos de sobra o que era o marxismo no jôgo das ambições pessoais do seu fundador. Duma carta de Marx respigo estas linhas concludentes: «As coisas marcham, escrevia êle, em 1867. E na proxima revolução, talvez mais proxima de que parece, nós, isto é, tu e eu, teremos este poderoso instrumento nas nossas mãos.»

A especulação dos *méneurs* da politica operária vai-nos lançando doidamente na ruina economica e social. O que faz a republica em defeza da sociedade e do patrimonio nacional que herdou do passado? Oh! muito pouco! A não ser no plano inclinado de todas as capitulações e fraquezas maximas... Parente e discipula do constitucionalismo, segue-lhe nisto, como em tudo, as suas pizadas. E assim a politica social da republica cabe dentro desta formula: ignorancia e medo. Tal qual a tripulação desvairada dum barco perdido sobre o mar e que na ansia de não naufragar, vai alijando todo o lastro, as coisas maximas e as so-menos, assim o regime que «felismente» nos rege, vai entretendo a vida com illusões e expedientes de momento...

Pode isto assim continuar? Evidentemente que não. Bem estaria se a derrocada atingisse só a republica. Ai de nós! A catastrophe será nacional!

VI — A Monarquia Social

Urge acudir à nação em perigo. Como? Implantando a Monarquia Social. Desde já com as armas na mão? Não. A revolta é uma consequencia; virá no momento oportuno. O que se apresenta necessario em primeiro lugar é fazê-la no espirito, espalhando as boas ideias do resgate social, pois que só se derruba definitivamente aquilo que se pode substituir.

Faça-se, pois, desde já (que o tempo urge) a Monarquia Social nos espiritos — para a podermos fazer de vez com as armas na mão.

E o que é a Monarquia Social? E' a nação organizada, segundo as tradições sagradas da sua vocação cristã e latina. E', politicamente, um agregado organico de vontades que bebem a inspiração do seu officio no nacionalismo activo e ardente das grandes reconstruções historicas. E', socialmente, um conjunto organico, isto é, hierárquico, disciplinado, especializado, competente, dos diversos elementos da Produção nacional. A Monarquia Social é o sindicalismo organico — e este é a representação dos elementos da Produção dentro dum quadro nacional de valores economicos e sociaes. E' a destruição da concentração capitalista pela sindicalização corporativa dos interesses.

E' a divizão organica do trabalho.

E' a entronização da propriedade colectiva, dentro do interesse nacional. E' a garantia da propriedade familiar.

E' o capital com o limite marcado dos seus direitos e a justa retribuição dos seus deveres. E' a hierarquia profissional e hierárquica dos organismos sociais. É a competencia regulada, quere dizer, especializada, diferenciada em categorias. E' o bem estar dos trabalhadores pela paz social, corporativa, regional e familiar. E' o bem estar da nação pela garantia organica da paz social. E', na ordem economica, a Economia Social substituindo a Economia Liberal e promovendo a concentração nacional, regional e local da Produção e transformando o antigo sentido, herdado do mercantilismo, das formações liberais (cartel, trust, companhia), em sentido organico, que se define pela solidariedade nacional, regional e local; organico nos seus propositos e na sua estrutura própria, isto é, estabelecendo a verdadeira mutualidade e confiança entre os elementos da mesma produção.

A Monarquia Social tem um alto símbolo a representá-la, — o pelicano sangrando.

O Estado não se limita a uma acção mecanica da administração liberalista, a sua acção será paternal, e exercerá uma influencia moral, espiritual e dinamica. Dêle partirão todos os incitamentos às iniciativas particulares, toda a protecção necessaria e justa ao trabalho nacional.

O que é o Estado moderno, liberal-democratico?

Uma velha engrenagem burocratica, emperrada à força de ferrugem e que existe fóra e à parte da nação. Longe de promover os movimentos de expansão nacional, êle serve apenas para os impedir, inutilizando a iniciativa particular, esmagando a propria alma colectiva da Raça.

O Estado actual é um espantelho grotesco que não corresponde às necessidades do nosso tempo.

Filho de bafientas ideologias do «século estúpido», o Estado democratico teima em impôr-nos os seus *clichés*, já gastos, — parlamento, partidos, economia liberal, etc.

Por isso a Monarquia Social é a **renovação**.

A sua missão é ir ao encontro de todas as reivindicações do trabalho nacional e crear-lhes um quadro social e nacional onde se encontrem a liberdade duma expansão justa e uma solidariedade fraterna e fecunda.

A Monarquia organica tem na sua politica social uma preocupação moral, ao contrário do marxismo que na sua conceção antiquada aspira a formar a sociedade com um materialismo repugnante. Daí o character cristão da Monarquia tradicional. Na regra e na inteligencia do catolicismo, bebe a Monarquia Portuguesa toda a inspiração da sua moral social e humana.

E assim, enquanto todos reconhecem agora, mesmo os intransigentes social-democratas dos *guilds socialisms*, como falta ao comunismo de Marx uma base moral capaz de assegurar a justiça e a paz social, nós vamos encontrar na tradição historica do catolicismo o fio partido da admirável harmonia corporativa de outras eras.

Quanto mais se estuda as origens do corporativismo da Idade-Média, mais e mais se acentúa o nosso reconhecimento pelas virtudes sociais do cristianismo. E', pois, com razão que a Monarquia Social, — essencialmente cristã — junta aos ensinamentos dum empirismo historico os claros e utilissimos dictames da Igreja Catolica,

A Rerum-Novarum é assim um grande capítulo da Economia-Nova.

De novo a Monarquia reata o laço da aliança entre o Altar e o Sceptro, aliança que o liberalismo rompêra, e o fulgor dessa aliança restaurada por nossas mãos é maior e mais brilhante.

Dessa aliança resulta uma mais clara intelligencia dos tempos futuros da nova ordem que se avizinha. Para onde vamos? Só a Monarquia pode responder à nossa anciosa expectativa :

- Vamos para a ordem nacionalista, monarquica e latina.
- Vamos para a ordem social, tradicional e humana.
- Vamos para a ordem cristã, que é a ordem eterna! — Vamos para a vida com deveres e sacrificios.

Simples palavras? Não! Certezas!

Quem conhece a nossa geração vê como ela tem sabido sacrificar-se e manter-se fiel aos principios de resgate, apesar de todas as razões de desânimo, apesar de todos os desastres de que não tem a culpa, mas de que tem sido vítima; sabe que no dia em que ela fôr orientada no firme caminho da acção e da batalha, há de vencer e libertar a nossa terra. Ora esse caminho está hoje indicado por circunstancias mais vivas. No céu nublado da Pátria luz a estrêla da nossa salvação. Só se ilude quem quere! O nosso caminho está na nossa frente e indica-nos uma energica acção nacional.

O caminho é a Monarquia. Qual? A Monarquia tradicional, a unica que póde eficazmente combater a invazão estrangeira, que dura ha mais dum século.

Não se perca tempo a defender ídolos caídos. Não se perca tempo em volta de velhos farrapos partidários; é em torno da sacrosanta imagem da nação que nos devemos juntar para entrarmos no combate supremo que se aproxima.

E não combate das forças economicas contra o proletariado, conforme os especuladores da politica proclamam, com o intuito de criar uma tragica confusão na vida portuguesa, mas sim a batalha das forças nacionais contra a anti nação, batalha dos portuguezes contra o internacionalismo, batalha dos latinos contra a nova onda de bárbaros!

VII — *Em frente!*

Disse que não era contra o proletariado nacional que nós precisávamos marchar e ninguém, como nós, em melhor campo se encontra para o proclamar. E' que nós não trazemos simplesmente o ardôr do nosso ânimo e a firmeza da nossa mocidade, mas tambem uma razão esclarecida, uma disciplina mental, uma certeza positiva. A nossa doutrina é a conclusão duma critica historica, social e economica, que desvendou as virtudes do tradicionalismo económico. O que nós queremos é sacudir a inercia das forças nacionais, apontando-lhe o caminho do resgate, que só se alcançará, desfazendo o equívoco social-democratico de que vivem e engordam os especuladores do operariado.

Não ha luta de classes porque não há classes dentro do Produção. Há Produção: há pão, ferro, tecidos, vinho, azeite, etc.

Realidades, que não utopias!

Dentro de cada um destes ramos da Produção há íntima solidariedade, que não se cria por mera fantasia ideológica, mas reside no proprio interesse dessa Produção.

E assim não há sindicatos de operarios contra organizações patronais (como o afirma a doutrina marxista). Essa luta de classes provoca uma perpetua guerra civil. Pelo contrário, há sindicatos ou corporações do pão, do ferro, do vinho, do azeite, etc.

As nossas formações são sobretudo sociais, enquanto as formações comunistas são puramente politicas. O comunismo é a quimera perigosa, a fantasia dourada que mata. O sindicalismo monarquico, que lança profundas raizes no passado, apresenta-se como a unica doutrina capaz de dar ordem à sociedade, mas uma ordem verdadeira, palpitante de energia,

cheia de forças renovadoras, que não se confunde com a pastosa e inerme preguiça por que os conservadores suspiram...

Tais são as ideias de resgate social que a Monarquia orgânica anuncia. Que todos os trabalhadores de Portugal tapem os seus ouvidos ao canto da sereia da revolução igualitária; não ouçam a voz fascinante e enganadora da utopia e da ilusão! A maior inimiga dos trabalhadores é a democracia, que destruiu os vínculos humanos, os deveres sagrados, espalhando a confusão e a anarquia, favoráveis às ambições pessoais dos políticos e dos especuladores do dinheiro. Destruíram-se as antigas corporações; fechou-se a Casa dos Vinte e Quatro; mas, em compensação, abriram-se o Centro Político e o Parlamento...

Que de novo se ouça por esse país fóra o pregão antigo, chamando a nação à consciência dos seus direitos e dos seus deveres:

— Real, real, real, — por Portugal!

Rolão Preto.

Desenganêmo-nos por uma vez: a liberdade não é um fim, é um meio. Por ventura, quando se pede a liberdade para os povos, é só para que as nações sejam livres? Não; é porque se supõe que sómente por este meio é que serão os homens felizes. Logo se se vier a provar que o meio não corresponde ao fim, é preciso rejeitá-lo como inútil; e se se vir que corresponde a um fim inteiramente oposto ao que se deseja, é preciso prescrevê-lo como perigoso. Eis aqui o que diz a este respeito em Plutarco um habitante de Sicione: «O primeiro dos nossos reis foi Ortágoras, o último que tivemos foi Clístenes. Os deuses, que applicão muitas vezes remedios violentos a males extremos, fizeram nascer estes dois principes para nos resgatarem de uma liberdade ainda mais funesta que a escravidão.»

Gama e Castro (O Novo Principe, cap. I, 1849),